

Revista de Literatura,
História e Memória

Dossiê Confluências entre
Literatura, Cultura e Outros
Campos do Saber

ISSN 1983-1498

VOL. 14 - Nº 23 - 2018

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 43-57

ESCRITAS DE SI – SOBRE ALTERIDADES E MEDIAÇÕES

Diana Araujo Pereira¹

RESUMO: Este ensaio pretende elaborar uma proposta metodológica aqui denominada de auto-mediação, necessária aos processos de pesquisa que visem abrir caminhos, dentro da academia, para a descolonização do conhecimento. A auto-mediação, como prática reflexiva, precisa ser exercida entre a subjetividade do/a pesquisador/a e a objetividade do seu contexto histórico, político, social. Para percorrer este caminho de dentro para fora e de fora para dentro, proponho que pensemos a relação entre o território e o corpo a partir da perspectiva da mediação cultural (como prática e reflexão teórica). Neste entretecer de elementos internos e externos, a escrita é introduzida como uma das pontes possíveis, uma tecnologia vinculante, capaz de *sentipensar* as fronteiras, sejam elas corporais (pensamento e emoção) ou territoriais. Portanto, a escrita de si, neste ensaio, é compreendida como um exercício da linguagem posta em ação mediadora (ligada ao “giro antropológico” da literatura), entre os âmbitos internos e externos de quem escreve, conferindo à ficção e à poesia importância e profundidade epistemológicas.

PALAVRAS CHAVE: Auto-Mediação; Mediação Cultural; Escrita de Si.

ABSTRACT: This work intends to develop a methodological proposal called auto-mediation, understanding as necessarily to all research within de academia in order to decolonize knowledge. Auto-mediation, as a reflexive practice, need to be fixed between the researcher subjectivity and the objectivity of the social, historical, political and social context. To advance this approach form the outside to the inside, and also from de inside to the outside, I propose to think the relationship between the territory and the body from a cultural mediation perspective. In this screen of internal and external processes, writing is being introduced as a possible breach, a technology that could help to *sentipensar* (think-and-feel) the border being bodies (knowledge and emotion) or territories. Then, writing, in this essay, is understanding as a language exercise on a mediation action basis (with linkage to the “anthropological turn”) in between form who is writing, performing a deep epistemological importance to fiction and poetry.

KEYWORDS: Auto-Mediation; Cultural Mediation; Writing of The Self.

Em tempos de extrema mobilidade territorial e cultural, onde questões como identidade, alteridade e diáspora concentram nossos interesses e determinam as pesquisas em diversas áreas, pensemos que se há deslocamentos e fluxos (e estes são

dados já exaustivamente elaborados e constatados), há também constantes reconfigurações dos corpos e do sentido de territorialidade.

Corpos que se movimentam por territórios físicos e virtuais, levam consigo arquivos de memórias variadas, elaboradas por experimentações concretas ou imaginadas, redesenhando os mapas da realidade. Cada corpo concentra imagens e palavras (re)elaboradas conforme sua dinâmica de interação com as outras imagens e palavras que o circundam e perpassam. Os corpos se convertem, cada vez mais, em palimpsestos (re)escritos segundo aquilo que conseguem armazenar, ou segundo as interações que chegam a elaborar.

Nesta intensa e interativa rede de mensagens, sentimentos e pensamentos circulantes, os corpos vão se tornando lugares mínimos de autonomia relativa. São territórios cuja fronteira vai muito além da espessura da pele ou da distância alcançada pelo olhar; territórios cada vez mais conectados com tecnologias móveis que expandem os sentidos e as informações e, ao mesmo tempo, materializam a diversidade e a heterogeneidade. Corpos que se configuram como lugares e que carregam consigo raízes, línguas, culturas próprias elaboradas através de complexas negociações com a(s) alteridade(s).

A fragmentação do eu, entendida como algo negativo pelas teorias pós-modernas, apresenta seu viés positivo: a fragmentação do sujeito atravessado por uma grande quantidade de caminhos traçados por experiências obtidas de formas muito variadas, pode chegar a favorecer o descentramento da arrogância secularmente elaborada pelo Ocidente, que concentra os ideais de beleza, justiça, sabedoria, por exemplo, em corpos muito específicos; corpos estes que se tornam parâmetros excludentes.

É urgente repensar esta fragmentação, dando-lhe a oportunidade de mostrar seu aspecto positivo: se somos partes/pedaços/fragmentos de sujeitos em eterna (re)estruturação e não um bloco acabado, com uma bandeira, língua e religião únicos, então podemos ampliar e captar a diferença, agora pensada sob um signo positivo. Tal perspectiva – isenta da arrogância da uniformidade e da homogeneidade – nos permitiria adquirir a empatia necessária para um viver em sociedade mais intercultural, ou seja, mais aberto e apto a entender-se num sentido menos assimétrico: grupos humanos formados por sujeitos heterogêneos.

Embora o trajeto do Ocidente tenha seguido por um rumo oposto (com a afirmação de si como individualidade constituída e elaborada como autonomia e independência), respondendo à sua necessidade de constituição do ser histórico moderno e dos projetos alavancados pela autoafirmação que se opunha ao legado divino medieval, tal elaboração teve sérias consequências que ainda se mantêm vigentes:

subsumiu os outros eus que compõem cada sujeito individual; subjugou as vozes que trançavam a trama audível de si para si como comunicação interativa.

(Se hoje alcançamos as novas tecnologias e com elas expandimos nossas redes e relações, é porque nunca fomos, de fato, seres individuais, se esta individualidade não se apropriar das outras vozes que nos falam interna ou externamente sobre as tantas experiências que nos marcaram e definiram. Vozes e experiências vividas, sonhadas, imaginadas, recuperadas, ouvidas, lidas, sentidas. Esta é a trama que nos configura como tecidos nos quais se misturam fios muito variados. O que fazem as redes sociais, por exemplo, é apenas salientar, ou melhor, explicitar, as interações que nos configuram como territórios sempre atravessados pela(s) alteridade(s) próprias e alheias).

MEDIAR/MEDIAÇÕES

Elevemos a mediação a uma “centralidade epistemológica”, procurando com isso alterar um paradigma de análise que considera a mediação como uma categoria intrínseca a qualquer processo cultural, embora sem dar-lhe maior importância. Sempre reduzida a “apoio”, “instrumento”, “meio”, as práticas de mediação e seus mecanismos sociais e individuais foram colocados num papel meramente funcional, instrumental, na abordagem dos processos de significação (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014).

No entanto, mediar não é apenas o ato de intermediar relações sociais entre sujeitos; além da sua dimensão funcional, a mediação “é força ativa e instituinte, é, ela própria, ato de criação”. (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014, p.10).

Mediar exige colocar em ação sentidos corporais e sensibilidades cognitivas que requerem maior atenção. Para o sujeito que media, e que, portanto, procura apreender o seu entorno e relacionar-se com ele, além do sentido da visão, a audição é igualmente fundamental. Se ele/ela não vê e escuta, se não traz à tona sua sensibilidade corporal e cognitiva, não poderá estender pontes entre sujeitos e/ou situações em conflito, ou em tensão.

Mas não nos esqueçamos de que o corpo biológico está munido de outros sentidos, para os quais não damos maior envergadura, isto é, não os tomamos em conta para elaborar conceitos e teorias reflexivas. Porém, quando se trata de criar estereótipos e preconceitos, então os sentidos do olfato, do tato e do paladar se manifestam para interagir com a produção do conhecimento. Assim, um negro é sujo, e ainda há pessoas que precisam tocar e “raspar” a pele negra com a unha para entender que não se trata de sujeira (também poderíamos levantar uma série de exemplos: corpos que “fedem”, comidas “ruins”, etc.)²

Não seria novidade afirmar que o Ocidente privilegiou o sentido do olhar como fundamental para a sua construção imaginária da realidade, e obliterou os outros sentidos que atravessam a experiência do real. Uma vez que sejam ultrapassadas todas estas barreiras (curiosa e ironicamente, os sentidos corporais, as portas e janelas de entrada da realidade para a interação com a subjetividade humana, acabaram tornando-se barreiras para esta mesma interação) e a ponte seja estabelecida, destas circunstâncias saem inusitadas elaborações, criativas e enriquecedoras para a comunidade.

A mediação, ao viabilizar nossas relações com o mundo, ao se objetivar em atos, gestos e objetos sensíveis, define contornos e direções, modos de relação com os signos e a(s) alteridade(s). Seu sentido, portanto, não deve ser concebido como um enunciado programático, elaborado fora da experiência comum, mas como o resultado da relação intersubjetiva, isto é, de uma relação que se manifesta na confrontação e na troca entre as subjetividades: “A mediação cultural [...] passa antes pela relação do sujeito com o outro, por meio de uma ‘palavra’ que o engaja, porque ela se torna sensível em um mundo de referências compartilhadas” (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014, p.10).

Portanto, a mediação cultural, pensada como categoria prática e também reflexiva, vinculada aos modos de ação social, é propulsora de formas outras de sociabilidade, cujo cerne precisa ser, necessariamente, inclusivo e participativo. Criadora de comunidades e de sentidos de pertencimento que não procuram fugir da fricção e da tensão inerentes a ambientes sociais permeados por assimetrias de todo tipo. Mediação cultural não é sinônimo de harmonização, mas de busca de soluções e alternativas criativas, inclusivas e menos assimétricas.

Para tanto, a prática mediadora pressupõe uma inserção, em sentido etnográfico, do sujeito que se propõe a atuar coletivamente, seguindo este paradigma interrelacional. Ainda que a etnografia tenha, em si mesma, uma pesada carga de colonialidade³, também é possível encontrar, nas suas técnicas, mecanismos de superação, ou ao menos de problematização, das suas próprias limitações. Um passo fundamental é o seu reconhecimento de que aquela suposta neutralidade e objetividade, com a qual pesquisadores procuravam legitimar a universalidade das suas traduções dos modos de vida pesquisados, é um horizonte impossível. A própria antropologia, como disciplina e instituição, elaborou sua autocrítica:

Distintas perspectivas de análisis [...] empezaron a plantearse la activa intervención del autor en la descripción presuntamente objetiva, impersonal, de lo aprendido en el campo, como un ejercicio de poder retórico y de construcción de la autoridad

etnográfica. Esta crítica se fundava en el postulado, coherente en parte con el concepto de reflexividad, de que la realidad se constituye a partir de los discursos y los conocimientos sobre ella, esto es, desde el lenguaje. (GUBER, 2014, pp. 127-128).

Portanto, relacionar a prática etnográfica à mediação cultural exige a clara compreensão de que, embora a antropologia tenha feito a sua autocrítica e problematizado uma série de questões (como a marca de gênero⁴, por exemplo) inerentes ao seu fazer disciplinar, há outros aspectos que devem atuar em paralelo, em sentido convergente à etnografia, para que mediar seja sempre intenção e ato problematizadores, em sentido ético e político, das possíveis formas de convivialidade. Assim, o fazer etnográfico que nos interessa é aquele que se constitui como

una forma de trabajo intelectual que no se regodea en artilugios retóricos ni en el último grito del autor francés de moda, sino que descansa en la propia experiencia y hace de las dificultades de conocimiento del prójimo el monumento mismo de la elaboración del conocimiento intelectual. (GUBER, 2014, p. 12).

Neste sentido, há um processo complementar que deve correr em paralelo: o constante exercício de auto-observação e autoanálise que poderíamos chamar de auto-mediação. Para tanto, além da autoconscientização corporal, através da atenção aos sentidos (uma espécie de virada sensorial), outra perspectiva deve ser incluída no trabalho de campo, associada às elaborações mentais e racionais que já fazem parte do repertório de qualquer pesquisador/a. A esta capacidade cognoscitiva racional, precisamos incluir o dado sentimental, mas já não como obstáculo à pesquisa. Em termos sociológicos, seguindo o pensamento de Fals Borda (2015), precisamos *sentipensar* nossos processos investigativos. O sentimento – como também os sentidos – foi alijado do processo hermenêutico, em vão. É hora de resgatá-lo de forma lúcida para que, em lugar de ser ativado inconscientemente, os sentimentos colaborem, com suas potencialidades, na criação da empatia necessária para os processos de mediação. Mesmo no contexto antropológico, “el llamado posmoderno a la reflexividad forzó al etnógrafo a someter a crítica su propia posición en el texto y en su descripción del pueblo en estudio, al poner en evidencia que lo que estamos capacitados para ver en los demás depende en buena medida de lo que está en nosotros mismos.” (GUBER, 2014, p. 134)

Neste sentido, a categoria da mediação cultural poderia integrar as práticas de atuação e pesquisa que, a partir das artes, da sociologia ou da antropologia, vem levantando novas possibilidades para a apreensão dos processos coletivos, enlaçando-os com a “partilha do sensível” (RANCIERE, 2009). É o caso da Sociologia das

Ausências e das Emergências⁵, de Boaventura de Souza Santos, por exemplo. Ou o caminho aberto por Jesús Martín-Barbero, no seu livro clássico *Dos meios às mediações*, que propõe “un cambio de ruta” fundamental para área da comunicação, ao introduzir sobre novas articulações metodológicas:

[...] avançar tateando, sem mapa ou tendo apenas um mapa *noturno*. Um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho – mas a partir de outro lado: as brechas, o consumo e o prazer. Um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos. (MARTIN-BARBERO, 2013, p. 290).

Em sentido complementar, esta proposta de auto-mediação procura sanar a fissura herdada, pela Academia, dos processos maniqueístas e excludentes que há tantos séculos vêm conformando a base do pensamento ocidental: entre dois polos opostos há sempre uma zona de contato, de fricção e de possíveis negociações. É nesta zona que se elaboram as mediações. Internamente, esta zona de contato abarca a interação entre racionalidade e sentimento da qual não podemos, nem devemos escapar. Em oposição ao sentido regulatório e disciplinador da subjetividade humana, a mediação, como categoria reflexiva e política, vem para dar visibilidade aos processos que nunca se encaixaram naqueles âmbitos mais tradicionais da observação sociológica, sem que por isso tivessem menos incidência concreta e ativa nos processos individuais e, consequentemente, sociais.

Se, como afirmamos, os corpos equivalem a lugares, territórios, espaços; se carregam consigo raízes, línguas, culturas próprias e variadas, então o exercício pessoal de meditação, ou seja, de auto-mediação é condição iniludível para que o sujeito seja consciente de suas limitações e fronteiras, de seus preconceitos e estereótipos, assim como de suas pontes e sinalizações.

A partir da reflexão da socióloga Silvia Rivera Cusicanqui, sobre a deturpação da funcionalidade expressiva e comunicativa das palavras em contextos de colonialidade, precisamos repensar a sua inserção – das palavras – tanto em nosso cotidiano como nas elaborações mais íntimas dos pensamentos e sentimentos que nos conformam.

[...] las palabras se convirtieron en un registro ficcional, plagado de eufemismos que velan la realidad en lugar de designarla. Los discursos públicos se convirtieron en formas de no decir. Y este universo de significados y nociones no-dichas, de creencias en la jerarquía racial y en la desigualdad inherente de los seres humanos, van incubándose en el sentido común. [...] Nos cuesta hablar, conectar nuestro lenguaje público con el lenguaje privado. Nos cuesta decir lo que pensamos y hacemos conscientes de este trasfondo pulsional, de conflictos y verguenzas inconscientes

(RIVERA CUSICANQUI, 2010, pp. 19-20).

A socióloga boliviana elaborou, a partir de sua experiência docente e investigadora, toda uma teoria que procura priorizar um sentido ampliado da relação que se estabelece entre corpo, território e conhecimento. Este caminho leva-a a criar uma metodologia muito própria, na tentativa de responder ao seu entorno, de forma a contextualizar suas inquietações. É assim que surge a sua “sociología de la imagen” como

[...] una estrategia de descolonización del conocimiento, que te lleva a hacerte cargo de tu subjetividad y de tu proceso de conocimiento por medio de la percepción, la emoción, el hemisferio izquierdo subalternizado por nuestro entrenamiento racional. A través de las prácticas etnográficas, de las bitácoras y de los intercambios horizontales con las personas a las que entrevistan y con las que negocian la toma de fotografías y la autorepresentación, los/as estudiantes toman consciencia de sus propios sesgos, prejuicios y situaciones de jerarquía. [...] Creo que es a todo este universo de prácticas significantes a lo que apelamos en la sociología de la imagen, y también al trabajo manual como ejercicio de descolonización. (RIVERA CUSICANQUI, 2015, pp. 311-312).

Assim, a autora defende que “ver y mirar, mirar y representar, son trayectos que deben recorrerse con una consciencia del *self* – el sí mismo del investigador – que la mayoría de las materias académicas soslaya.” (RIVERA CUSICANQUI, 2015, p. 296).

Neste sentido, é inspiradora a leitura realizada por Cusicanqui da obra de dois artistas bolivianos, o pintor Melchor María Mercado e o diretor de cinema Jorge Sanjinés. A socióloga, em um texto bastante “indisciplinar”, confere-lhes o título de “sociólogos da imagem” e elabora, a partir de suas imagens pictóricas e cinematográficas, toda uma argumentação que poderíamos trazer para dialogar com a afirmação anterior, de que a mediação cultural abre espaços ativos e alternativos, capazes de criar novas perspectivas de interpretação e de abordagem dos processos histórico-sociais:

El cine y la pintura son, en este sentido, medios mas aptos para atravesar la superficie de esas ideas consoladoras [de las clases subalternas], en la medida en que expresan momentos y segmentos de un pasado no conquistado, que ha permanecido rebelde al discurso integrador y totalizante de la ciencia social y sus grandes narrativas. [...] Es por eso que, en lugar de ver en ellas tan solo fuentes de apoyo, que sólo ilustran las

interpretaciones más generales de la sociedad [...], propongo más bien comprenderlas como piezas hermenéuticas en y por sí mismas, atravesadas por voces de autor que no sólo describen o reflejan una realidad dada, sino que la interpretan, teorizan y reflexionan sobre ella, brindándonos una mirada sociológica sobre la organización, los valores y las fuerzas morales que moldean la sociedad. (RIVERA CUSICANQUI, 2015, p. 88).

Como podemos deduzir de suas palavras, para esta autora a arte, os/as artistas, ao criarem imagens, estão criando, também, “peças hermenêuticas” que interpretam e teorizam sobre a realidade. A presença do/a autor/a, com sua carga de subjetividade e seus próprios repertórios contextuais não significam um problema. Ao contrário, conferem materialidade às alegorias que eles elaboram e introduzem no imaginário coletivo. Neste sentido, há toda uma aceção da arte como mediação cultural, pendente de ser analisada.

Outro exemplo desta perspectiva, encontramos nos festivais de poesia levados a cabo em toda a América Latina. Neste caso, a poesia é entendida como arte da palavra, mas também como propiciadora de outras formas de sociabilidade e de profícuos caminhos de descolonização dos seres e dos saberes. Vejamos o caso da Colômbia, um país tão fortemente marcado pelas guerrilhas internas que há décadas assolam seu território nacional, engendradas por diferentes atores e interesses, além do colonialismo interno e externo que padecem todos os países da América Latina. Entre inúmeros festivais de poesia, destacam-se dois: o *Festival Internacional de Poesía de Medellín* e o *Encuentro Nacional e Internacional de Mujeres Poetas*, de Cereté⁶. Ambos atuantes há quase três décadas – vinte oito e vinte quatro anos, respectivamente – nasceram da necessidade de contra-atacar a extrema coerção dos espaços públicos, dominados pela violência. Nasceram, de certa forma, da necessidade coletiva de estar nas praças e ruas de suas cidades, dando-lhes outro significado que não o da dor e da morte.

Como afirmo em outro lugar (PEREIRA, 2017), a palavra poética ganha, nestes contextos, várias dimensões e amplia seu campo de atuação, incidindo sobre as relações intersubjetivas, sociais, (1) como *linguagem* que se erige a partir da pugna entre o real e sua representação; (2) como *ação estética* que se desdobra em pensamento ensaístico, em crítica cultural e em reflexão epistemológica, propondo outras racionalidades possíveis e (3) como *ação política* que se materializa em diversas formas artísticas (sendo o poema apenas um dos seus suportes possíveis), e que promove intervenções sociais que dinamizam e problematizam antigas questões identitárias em contextos privados (o/a leitor/a em diálogo com o texto) e públicos

(performances de cunho artístico-político em eventos das mais variadas naturezas). Finalmente, poesia que circula e transgride, gerando empoderamento e auto-percepção. E que se mantém atuante em espaços de mediação cultural, cujo objetivo vai além da estrita questão literária, transformando-se em espaços politizadores das relações culturais⁷.

O Festival Internacional de Poesía de Medellín cuja organização, encabeçada pelo poeta Fernando Rendón, recebeu o Prêmio Nobel da Paz Alternativo em 2006 é, certamente, um dos mais emblemáticos da resistência popular diante da violência generalizada. E tal resistência política e cultural, que leva a assistirem ao Festival, a cada ano, um público de três, quatro mil pessoas, se dá através da poesia.

Lena Reza, criadora e gestora do *Encuentro Nacional e Internacional de Mujeres Poetas*, de Cereté, tem plena consciência do sentido político elaborado através da mediação cultural acionada pela (re)apropriação da palavra poetizada. A escrita poética mostra-se, na experiência dos diversos festivais e encontros literários de forte arraigo e tradição em toda a América Latina, como um dos caminhos possíveis para a recuperação daquela palavra sequestrada, infundindo-lhe novamente um sentido ativo e representativo. Nestes festivais, corpos que escrevem e performatizam sua subjetividade e imaginação em contextos públicos, coletivos, mostram que a escrita – instrumento tão caro à colonização, ao patriarcado e à colonialidade (do ser e do saber), pode e deve ser subvertida em sentido próprio e libertário:

A poesia salva essa palavra que parece estremecida pela dor, pela angústia, por nos sentirmos sem esperanças. Creio que a poesia consegue nos meter novamente no calor da vida e fazer com que se regenerem os tecidos da desconfiança, do desamor, do desapego pela guerra, desapego por todas as situações. E que floresça justamente a sensibilidade. [...] Creio que o escritor e o poeta não estão à margem dos acontecimentos de sua cidade, de seu país, do mundo. Somos cidadãos do mundo. A situação de violência se generalizou completamente, e as mulheres poetas foram muito afetadas. Foram violentadas em seus direitos, em seu trabalho, em sua escrita, na falta de reconhecimento, nesta sociedade que tem sido muito machista, sobretudo o Caribe colombiano. A escrita é uma maneira de reagir, de fazer uma catarse frente a tudo o que vivem e que lhes têm angustiado.

Aqui me permito compartilhar minhas próprias palavras (e experiências). Transcrevo abaixo um dos poemas em prosa de meu livro *Outras palavras/Otras palabras*, escrito em Sevilha, entre 2005 e 2006, quando eu mesma precisava agarrar-me às palavras, em constante pugna com elas, procurando-me a mim mesma:

Eu tenho que estar presente. Ainda que sem nome (e portanto sem um lar). A presença que subjaz a uma obviedade. Como existir estando na ausência? Me divirto ao filosofar, mesmo que sirva apenas para me aproximar ainda mais do meu beco sem saída. Quero ganhar vida mas o nome me escapa, um nome que me verbalize a dor e a angústia. Entre a cruz e a espada, erro o alvo. Continuo sem, continuo duvidando se sigo ou não. Continuo esperando uma verdade como uma catedral que me ressuscite e renove. Continuo e continuo e é só.

Sobretudo à noite sonho-me entre as palavras da aurora, entre os risos matinais dos que estão cravados ao seu nome. Tanta segurança dá inveja e uma angustiante certeza de que todas as frases já estão feitas e não há mais nenhum lugar para você. Apenas em infelizes balbucios enviesados, já à beira do abismo, aí se encontra vaga e se pode estacionar um pouco a alma para depois voltar a peregrinar.

Sinto muito, mas são mesmo terríveis as realidades subterrâneas, os esconderijos sob pedaços lacrimosos de palavras fora do lugar. Maldita sintaxe!

ESCREVER-SE/INSCREVER-SE

Para a prática da auto-mediação – condição precípua da mediação em grupos – a escrita tem um papel fundamental. É, certamente, um dos exercícios privilegiados de tomada de consciência das vozes que interagem internamente, nos labirintos formados em cada individualidade.

Escrever, portanto, para entender-se, como exercício pessoal de meditação. Através da escrita iniciamos processos de auto-observação que nos ajudam a percorrer, de dentro para fora e de fora para dentro, os caminhos convergentes e divergentes traçados em nossa interioridade.

Escrita de si como mecanismo de captação do eu e dxs outrxs que nos habitam; esta alteridade inerente a si mesmxx, ao próprio sujeito. A escrita como elaboração cognitiva pode levar-nos à construção de si através da construção de caminhos que sejam capazes de conectar os muitos passos vividos no eu. O corpo, pensado como território, precisa criar as suas próprias pontes de interação. Estes caminhos e conexões encontram, na atividade da escrita, uma formulação coerente com tal necessidade.

Nunca buscando unificação ou homogeneização, a escrita de si é uma maneira de elaborar a diversidade, a heterogeneidade, as contradições e as dissonâncias. Para constituir efetivo exercício de autoconhecimento, a escrita de si não pode temer as tensões e os fluxos diversos que nos percorrem internamente. E, portanto, não

pode estar atada ao pensamento racional e linear que marca nossa “cientificidade” e “objetividade”. A escrita auto-mediadora é antropofagicamente ativa, e deve ser acionada para a assimilação dxs outrxs externxs e, sobretudo, dxs outrxs internxs a si.

Por outro lado, escrever também é um exercício de saída de si, de uma espécie de “desinsimismamento”. Escrever possibilita mostrar-se ax outrx e a si mesmx como trama complexa, formada por muitos rostos elaborados em muitas vidas vividas em si. Vidas que são próprias e alheias. Vidas que, percebidas como caminhos, mediam a empatia necessária para a conexão com as tantas vidas alheias que compõem a complexa unidade de cada um/a de nós.

Se a construção do Ocidente sempre objetivou a delimitação do eu através da pele das palavras, a descolonização da escrita precisa exercer-se sobre o reconhecimento das muitas peles que formam as camadas dos muitos eus que nos compõem. O movimento de introspecção, quanto mais profundo for, mais revelador dos outros que cabem em um eu individual. O corpo deve ser visto, cada vez mais, como o início de um percurso, e não como sua fronteira final.

Escrita de si como exercício organizacional da própria subjetividade atravessada por imagens e discursos, experiências e fatos, alheios e próprios, em um mundo cada vez mais interconectado.

Escrita de si: autoexploração, autopesquisa, autoconhecimento, já não para chegar a Deus, mas para chegar aos muitos universos interconectados no eu. A palavra como mecanismo de conexão, como mediação de si consigx mesmx, e de si com o/a outro/a através da possibilidade da empatia.

Aquela antiga verdade, que residia na ideia de Deus, transladou-se para a autenticidade de um sujeito constituído como bloco homogêneo, ancorado na Razão. Na contramão, a identidade como composição, como colagem ou mosaico, ou seja, como construção, ganha vigor em uma contemporaneidade marcada por trânsitos e fluxos diversos. Precisamos avançar no sentido de que o autoconhecimento precisa nos levar não a nos diferenciarmos dxs outrxs, mas a aproximarmo-nos delxs.

Escrita de si como textualidade onde o/a narrador/a extrapola as fronteiras entre o real e a ficção e liberta-se dos gêneros literários, eles também tão uniformizadores das experiências subjetivas de quem escreve. Escrita como tessitura, como notas que apontam caminhos percorridos. Por esta perspectiva, a escrita amplia suas possibilidades tanto para quem escreve quanto para quem lê. O/A leitor/a percorre, junto com quem escreve, seus próprios caminhos.

Aqui caberia a pergunta: mas e o sentido estético da escrita? Se pensarmos na sua acepção original, etimológica – *aesthetic* – a estética é nada mais e nada menos que a percepção pelos sentidos. A descolonização da estética também significaria

o retorno à sua base corporal e sensorial, além do reconhecimento de que escrever e ler não é – ou não deveria – ser uma atividade para poucos.

Neste sentido, escritores/as – narradores/as, poetas – têm uma função social importante. Em sintonia com a célebre defesa de Antônio Cândido, do “direito à literatura”, a escrita vem se mostrando como uma técnica necessária, cuja prática incide sobre a consciência de quem a exercita, seja pela escritura ou pela leitura. Fazendo eco, também, às palavras de Boaventura de Souza Santos, podemos afirmar que nosso interesse é subverter o uso disciplinador da escrita, a fim de criar “subjetividades rebeldes contra a banalização do horror, que cria subjetividades conformistas e resignação.” (SANTOS, 2007, p. 82).

De fato, este é o quarto desafio que se impõem o sociólogo português (que também é poeta, embora esta sua faceta seja menos observada), no texto “Uma nova cultura política emancipatória”:

O quarto desafio é a necessidade de nos concentrarmos em como desenvolver subjetividades rebeldes e não apenas subjetividades conformistas. Assim, a questão fundamental é intensificar a vontade, um problema também complicado para nossa construção teórica, porque há uma dimensão que chamamos racional dos argumentos; mas há também uma dimensão mítica em todos os saberes. [...] Há uma dimensão emocional no conhecimento que costumamos trabalhar muito mal. (SANTOS, 2007, pp. 57-58).

A palavra, em si mesma, é pura mediação. Como uma escultura energética, ou um objeto sensível, a palavra conduz ideias e forças. Escrever é, portanto, levantar realidades, ou melhor, erguer possibilidades e potencialidades através de imagens que abrem novas perspectivas da realidade. De fato, é recorrente, entre as tradições indígenas, esta acepção da palavra como criadora de realidades. A Bíblia também o afirma (“No começo era o Verbo, e o Verbo se fez carne”) e o sistema-mundo criado a partir da religião ocidental fez muito uso deste princípio ao inventar divisões territoriais, além de estratificações e hierarquias para os seres humanos.

A partir da invenção de palavras como *continente* e *raça* (ambas inventadas nos séculos XVI-XVII), toda a realidade objetiva do mundo foi alterada para se ajustar a uma concepção de realidade única, eurocêntrica e patriarcal. E hoje, os discursos que justificam os cortes de gastos públicos ou a derrocada de líderes, também subsomem realidades objetivas em um labirinto de ficções discursivas. Assistimos, cada vez mais, à patologização da palavra instituída como argumento legal e científico.

Escritoras/es, ou aquelas/es que se dedicam a erigir caminhos e perspectivas através das palavras têm, portanto, um papel político e social muito importante. São

mediadores/as da palavra que é, ela mesma, uma unidade de mediação. Por este viés, a escrita de si, como mescla de ficção e autobiografia, é uma vertente fundamental para o aprendizado da descolonização da palavra, ainda tão fortemente atada aos princípios racionalistas, economicistas e cientificistas – velhas ficções ocidentais – que nos limitam o olhar e a apreensão das nossas necessidades reais.

Para terminar, vejamos um belo poema de Claribel Alegria (1924-2017), poeta nicaraguense que conheceu, muito bem, a trajetória mediadora da palavra:

Ars poética

Yo,
poeta de oficio,
condenada tantas veces
a ser cuervo
jamás me cambiaría
por la Venus de Milo:
mientras reina en el Louvre
y se muere de tedio
y junta polvo
yo descubro el sol
todos los días
y entre valles
volcanes
y despojos de guerra
avizoro la tierra prometida.

NOTAS

¹ Docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Doutora em Literaturas Hispânicas, atua no curso de graduação Letras – Artes e Mediação Cultural e no Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos.

² “Olhar, ouvir e escrever já foram descritas como atividades básicas do trabalho do etnógrafo. Entretanto, os outros órgãos são também mobilizados nos processos de interação e na construção de fronteiras simbólicas entre “eu/nós” e “ele/eles”, como no caso do olfato. Há vários exemplos de repulsões étnicas e sociais que podem se estabelecer no campo das interações com o outro, tais como “mau cheiro”, “cheiro de negro”, “suor de trabalhador braçal” ou “fedor” de um mendigo (SIMMEL, 1986; WEBER, 1994) e que constroem fronteiras e discriminações sociais”. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 6).

³ El trabajo de campo etnográfico se ha planteado desde sus comienzos como parte del trabajo académico occidental y por lo tanto como una tarea masculina, individual, adulta y occidental-

européia, ante Otros –marginados de la sociedad, pertenecientes a culturas distintas y distantes–. [...] Los intentos de borrar al investigador, sea mediante técnicas estandarizadas o por la fusión con los nativos, redundaron en la falta de conceptualización de su persona moral, social y política, en pos de un conocimiento pretendidamente altruista, impersonal y universal. (GUBER, 2014, p. 125)

⁴ El investigador siempre tiene un sexo y por tanto, cuando va al campo, es incorporado inexorablemente a las categorías locales de género. (GUBER, 2014, p. 120).

⁵ “A razão que é enfrentada pela Sociologia das Ausências torna presentes experiências disponíveis, mas que estão produzidas como ausentes e é necessário fazer presentes. A Sociologia das Emergências produz experiências possíveis, que não estão dadas porque não existem alternativas para isso, mas são possíveis e já existem como emergência. [...] A Sociologia das Ausências e a Sociologia das Emergências vão produzir uma enorme quantidade de realidade que não existia antes. [...] Nós estamos ainda mais abertos: hoje dizemos que outro mundo é possível, um mundo cheio de alternativas e possibilidades”. (SANTOS, 2007, p. 38).

⁶ Cereté es un municipio ubicado en el departamento de Córdoba, en Colombia. Cuenta con una población aproximada de 91.525 habitantes. Se encuentra a 18 km de la capital departamental, Montería. <https://es.wikipedia.org/wiki/Ceret%C3%A9>

⁷ Para o escritor da Martinica, Frantz Fanon (2008, p. 157) “A literatura se engaja cada vez mais em sua tarefa verdadeiramente atual, ou seja, levar a coletividade à reflexão e à mediação”.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. “Fronteiras: entre os caminhos da observação e os labirintos da interpretação”. In: Eric Gustavo Cardin, Silvio Antônio Colognese (Org.) **As ciências sociais nas fronteiras. Teorias e metodologias de pesquisa**. Cascavel, PR: JB, 2014.

FALS BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina / Orlando Fals Borda**; antología y presentación, Víctor Manuel Moncayo. — México, D. F. : Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUBER, Rosana. **La etnografía. Método, campo y reflexividad**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2014.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. RJ: Editora UFRJ, 2013.

NAVIA VELASCO, Carmiña. **Poetas latinoamericanas. Antología crítica**. Santiago de Cali: Universidad del Valle. Escuela de Estudios Literarios, 2009.

PAZ, Octavio. **La otra voz. Poesía y fin de siglo**. Barcelona: Seix Barral, 1990.

PEREIRA, Diana A.; RIBEIRO, Ana Elisa. “É preciso ser simples para construir coisas grandes”.

Entrevista com Lena Reza García. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, junho de 2017 (nº 1372, pp. 25-29).

PEREIRA, Diana A. "Mulheres que escrevem: práticas de descolonização e mediação cultural" (no prelo).

_____. "El quehacer poético en clave descolonial". **HYBRIS, Revista de Filosofía**, v. 8, p. 253-272, 2017.

_____. **Outras palavras/Otras palabras**. RJ: 7Letras, 2008.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. "A mediação cultural como categoria autônoma". **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01 – 22, maio/agosto 2014 <http://www.uel.br/revistas/informacao/>

RANCIERE, Jacques. **A partilha do sensível**. **Estética e Política**. SP: Editora 34, 2009.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixínakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires, Tinta Limón, 2010.

_____. **Sociología de la imagen**. Buenos Aires, Tinta Limón, 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. SP: Boitempo, 2007.